

Senhor Ministro da Defesa

Senhor Director do IDN, Professor

António José Telo

Senhor General Martins Branco

Senhoras e Senhores Auditores

1. Agradeço muito o convite que me foi dirigido por Sua Excelência o Senhor Ministro da Defesa e pelo Instituto da Defesa Nacional, para proferir uma conferência sobre "Os Contributos para uma Estratégia Nacional".

2. É uma honra - e um gosto - para mim. Aliás, não é primeira vez que aqui venho falar. Porque tenho em alto apreço o trabalho de esclarecimento que aqui se realiza, sempre numa perspectiva patriótica do interesse nacional.

3. Começo por sublinhar o que é óbvio. Mas penso que é a partir dessa constatação óbvia que devemos começar a nossa reflexão: estamos a viver uma crise financeira e económica global gravíssima e sistémica, sem paralelo no nosso tempo, mesmo para os mais velhos, como eu. É uma crise global que teve o seu epicentro na América e que hoje toca a todos. Portugal não é excepção.

4. Quando falo de uma crise sistémica quero dizer que só pode ser vencida tendo plena consciência disso e atacando as suas causas, que radicam na teoria neo-liberal que conduziu o mundo a "economias de casino", ditas virtuais. É isso que é preciso mudar. E vai ser feito pela nova Administração americana de Barack Obama. Não tenho dúvidas. A sua vitória foi, por várias razões, uma vitória histórica para a América e para o Mundo. Como a de Roosevelt, em 1933, ano crucial da ascensão dos totalitarismos (nazismo, fascismo e comunismo), que Hannah Arendt teorizou como ninguém.

5. Ora, não tenho a certeza, infelizmente, de que a União Europeia, através dos seus governos, tenha a percepção clara e a coragem de acompanhar, pelo menos nesta primeira fase, a viragem crucial que está a ocorrer na América. O que é grave para a União e, portanto, para Portugal. Temos que ter a consciência disso.

6. Em tempo de grandes dificuldades, carências e apertos, como vai ser o caso de 2009, é normal que cresça na opinião pública, o pessimismo e o descontentamento. Temos que reagir contra isso.

7. Depois, em ano de eleições - como é o caso, para nós, em 2009 - a situação tende a exacerbar-se, sendo uma tentação para os Partidos da Oposição, irem ao encontro do descontentamento popular e, imprudentemente, lançarem-se numa política de "quanto pior, melhor". Um erro fatal. O país pode correr o risco - se não houver prudência, lucidez e algum bom

senso - de se tornar ingovernável. Vários portugueses esclarecidos e isentos têm alertado para esse risco. Não o devemos iludir...

8. Por mim, digo-vos, não estou pessimista, a médio e a longo prazo. Acredito em Portugal e no nosso futuro colectivo. Não somos, ao contrário do que alguns pensam, um país pequeno nem um país periférico. Nesse aspecto, acho que Portugal tem enormes potencialidades, a médio e longo prazo, dada a sua privilegiada situação geo-estratégica, no extremo Ocidente da Europa, virado para o Atlântico e para as Américas, na embocadura ocidental do Mediterrâneo, próximo de África, com relações privilegiadas com os países lusófonos, dispersos por quatro Continentes, integrado - e bem, como se provou durante a Presidência Portuguesa - há vinte e cinco anos, na C.E.E., depois União Europeia e conseguindo aí ganhar uma experiência riquíssima, tendo como único vizinho a Espanha, hoje, um país irmão, com interesses convergentes com os nossos - e não antagónicos - no plano geo-estratégico e em várias áreas do Mundo. Portugal deve pensar a Península Ibérica, como um todo, sem complexos do passado, no quadro europeu. Eis alguns tópicos - que podemos aprofundar no debate, que se vai seguir - e que fundamentam, a prazo, o meu optimismo.

9. Estou preocupado, isso sim, a curto prazo, com a crise que nos veio de fóra e na qual, o actual Governo - devemos reconhecê-lo - não tem responsabilidades. Despertou, talvez, um pouco tarde, mas não foram muitas as vozes que se ergueram para o alertar. Os Partidos de Direita, como os da Esquerda, mais radical, terão feito, pontualmente, algumas críticas e avisos, não direi que não, mas por forma casuística e sempre preocupados com a problemática imediata, do dia a dia, sem jamais chamarem as atenções para o que aí vem. E isso era o essencial.

10. Por outro lado, Portugal, que vai fazer 35 anos, desde a Revolução de Abril de 1974, é hoje um país completamente diferente do que foi. Fez progressos sem paralelo, em todos os domínios. Não o devemos esquecer. Partimos de um país bloqueado, sem horizontes, envolvido em três guerras coloniais. Sem saída. Um país prisioneiro de uma ditadura que vivia à margem da Comunidade Internacional, um país gravemente atingido no seu marasmo económico, pela I crise do petróleo de 1973. Ultrapassamos tudo isso. Descolonizámos, estabelecemos uma democracia pluralista, que funciona e integrámo-nos, com êxito, na União Europeia. Sempre, sem efusão de sangue, apesar dos conflitos de então não terem sido fáceis. É incontestável.

Temos hoje elites científicas, culturais e artísticas, com os horizontes abertos a todos os azimutes, que estão na vanguarda do melhor que se encontra por essa Europa fora. Só temos que nos envergonhar por uma razão: somos o país mais desigual, socialmente, da União Europeia. E temos vindo, nos últimos vinte e cinco anos, a deixar-nos atrasar, o que é - reconheço - uma vergonha.

11. Mas, fora isso, temos uma identidade e coesão nacional fortíssimas, uma língua comum, em plena expansão - só o Reino Unido e a Espanha nos batem - somos respeitados e considerados em todos os Continentes - o que é um capital precioso - criámos, com os nossos emigrantes, um relacionamento muito próximo, que nos abre muitas portas, dado o prestígio de que desfrutam nos países em que vivem. Por isso, devemos fazer mais, do que temos feito, no plano da inclusão social, dos nossos imigrantes, com i...

12. Não somos um país pobre, como alguns pensam. Nem um país pequeno, em termos europeus. Também não somos um país periférico, como disse. Temos, assim, inúmeras potencialidades e grandes desafios que nos esperam e estimulam. É certo que não temos petróleo nem gás natural, que se saiba, e talvez seja melhor assim. Não temos dinheiro fácil, que alimenta a corrupção e, quanto a isso, infelizmente, parece que temos já quanto basta. Mas possuímos outras riquezas, mal ou mesmo inexploradas. A primeira é a matéria cinzenta dos portugueses, que é de primeira qualidade. Sempre o demonstrámos. O mar, que tem sido, ao longo dos séculos, o nosso destino e a nossa glória: temos obrigação de o considerar, agora, uma das nossas grandes prioridades. Temos, no Oceano, a mais vasta área económica exclusiva da União Europeia. Mas é urgente que as instituições ajudem a criar os requisitos necessários ao aproveitamento desse património. Temos uma agricultura por explorar, em termos modernos e inteligentes, se soubermos comercializar os nossos produtos de excepção. Temos indústrias inovadoras que, pela primeira vez, concorrem com as melhores do estrangeiro em sectores de ponta. Temos - em múltiplos sectores - uma investigação científica e tecnológica que começa a dar os seus frutos...

13. Neste quadro, que não é idílico e, que creio, realista, temos, obviamente pontos negros. A falta de auto-estima que os portugueses, que vivem em Portugal têm deles próprios. É um hábito que vem de longe e que ainda não fomos capazes de combater. É necessário fazê-lo, com programas que estimulem os portugueses a ter confiança neles próprios. Os estrangeiros que vivem entre nós - e os portugueses que vivem no estrangeiro - vêem-nos de uma forma muito mais indulgente... Ninguém nota isso. O que fica bem é pensar mal de nós próprios. D. Carlos, quando regressava das suas viagens a França, dizia: "Voltámos à piolheira". Bem como a elite intelectual do século XIX, "os vencidos da vida" - estranho nome - que, por exemplo, alimentou uma visão pessimista de nós próprios. Pelo contrário, o movimento republicano, reagiu contra o pessimismo nacional e teve uma visão patriótica e optimista do nosso futuro. Mas a I República durou pouco tempo, infelizmente. Breves dezasseis anos...

14. O patriotismo é um sentimento saudável, que devemos alimentar desde a escola. Não se confunda, porém, com o nacionalismo, que tem conotações xenófobas e, às vezes, racistas. As nossas televisões, tão importantes como "fazedoras" da opinião parecem ter gosto em mostrar o pior de Portugal. Tristezas, desastres, catástrofes. E o pior é que ignoram, quase sempre, o que é positivo e por vezes excelente, com excepção do desporto e do futebol, em particular. É preciso convencê-las a mudar de rumo.

15. No plano geo-estratégico, convenhamos que Portugal tem uma posição de excelência. Somos membros de pleno direito da União Europeia, onde começamos a ter grandes quadros a trabalhar. As três presidências da União que nos couberam, nunca nos envergonharam, bem pelo contrário. Saímos delas, prestigiados pelos nossos parceiros. Mostrámos ser aliados fiáveis e europeístas convictos. Na Europa, como já disse, soubemos criar excelentes relações de cooperação com os nossos vizinhos espanhóis, tendo hoje uma economia integrada na Península e convergências estratégicas tanto no quadro ibérico, como europeu, mediterrânico, atlântico e com a América Latina. As diferenças dos idiomas dos dois lados da fronteira (que já não existe) não nos causam dificuldades.

16. Mas para além da União, pertencemos a outra Comunidade, extremamente importante e que reforça a nossa posição europeia: soubemos criar - e temos vindo a desenvolver - a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa, que não só é uma instituição de defesa da língua comum, como também de solidariedade entre os seus membros e de cooperação económica e cultural entre os respectivos Povos.

17. Portugal, não o esqueçamos, ganhou um respeito e prestígio mundiais, com a Revolução dos Cravos, feita sem qualquer ajuda externa ou sequer conhecimento. Vários livros publicados em 2008 assim o demonstraram. Em tempo de guerra fria, foi uma surpresa para a URSS e para a América.

Esse prestígio é um capital que não devemos perder. Por isso, Portugal tem de ser um país intransigente quanto à defesa dos Direitos Humanos, à defesa da paz e na denúncia das ditaduras - sejam quais forem - e dos atentados aos Direitos Humanos e aos crimes contra a Humanidade. Isso nos obriga a prosseguir uma política na União Europeia, na ONU, na NATO e noutras organizações internacionais, a que pertencemos, sem concessões, transigências e silêncios que nos envergonhem. Guantanamo é um exemplo extremo, como Angola.

18. Temos que nos habituar a afirmar a cultura da nossa independência ética e política no contexto internacional. Habituar-mo-nos a não ser "a Maria que vai com as outras" e, pelo contrário, a ter a coragem de erguer a voz, quando é necessário manter a coerência e defender os nossos valores. Só assim os outros nos respeitam...

19. Durante os oito infelizes anos do mandato Bush as relações euro-americanas deterioraram-se muito. Não entre os Governos - que se deixaram, em boa parte, "colonizar" pelo hegemonismo unilateral dos americanos - mas, sobretudo, entre os Povos. A América perdeu a credibilidade moral e as opiniões europeias reagiram em inúmeras manifestações de desagrado.

Esse tempo vai acabar dentro de dias. Há já um clima novo extremamente aliciante para os europeus. Obama representa a mudança pacífica que creio, pelo dinamismo criado, é imparável. A Europa aprecia Obama e, portanto, é quase certo que se vai criar um novo relacionamento euro-americano.

20. Portugal, o país europeu mais próximo dos Estados Unidos - com os quais, historicamente, sempre teve excelentes relações - tem todo o interesse em pertencer aos países que primeiro compreendam a mudança em curso e cooperem lealmente com a América na viragem histórica que vai ocorrer. Com o nosso excelente relacionamento com o Brasil e o nosso histórico conhecimento do Atlântico norte e sul, não devemos perder essa janela de oportunidades que se nos abre. Adiantando-nos, se possível. Esta é outra linha estratégica em que não devemos hesitar em nos lançar.

Senhoras e Senhores Auditores e

Caros Amigos

21. Creio que vos indiquei alguns contributos ou tópicos de uma orientação estratégica, com vista ao futuro. Foram apenas tópicos muito gerais. Se me quiserem fazer algumas perguntas - como é hábito - terei muito gosto em tentar responder-vos.

Muito obrigado!

Lisboa, 13 de Janeiro de 2009